

# Textos

## Tenebro dos Santos Moura

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 30/06/2007

Título : Seu Nequinho Curandor

Categoria: Artigos

Descrição: Naquele tempo, para a maioria dos rio-grandenses, era Deus no céu e Dr. Borges na terra. Deus no céu, porque o povo tinha diversão;

Seu Nequinho Curandor

TENEbro DOS SANTOS MOURA In memoriam

Naquele tempo, para a maioria dos rio-grandenses, era Deus no céu e Dr. Borges na terra. Deus no céu, porque o povo tinha diversão; todos aprendiam que foi Deus que fez esse mundo velho e continua a mandar em tudo. O Dr. Borges na terra, porque os cidadãos eram habituados a respeitar autoridades e estavam cansados de saber que o Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros não tinha feito o Rio Grande do Sul, mas era governo em nosso Estado a... nem sei quantos anos. Eu era piá e vinha regressando dumas férias em casa de parentes que moravam na boca da Picada da Fortaleza. Quando descia para o Passo Grande, reparei que o sol estava só a umas duas braças acima do alto da coxilha. Pensei: vou chegar em casa já de noite. Bati na marca do Rosilho e dali a um pouco estava descendo pelo caminho fundo e barrento do Passo. Meu cavalo foi entrando e foi indo água acima. Só parou no lugar mais fundo. Eu estava descalço. Desestrivei e estiquei as pernas para refrescar os pés na água

corrente. Meu cavalo bebeu, bebeu, levantou a cabeça e enxaguou a boca e deu de rédea por si.

Quando surgiu de entre os barrancos, do outro lado do arroio, vi, na várzea verde, pastando, encilhado com o freio no pescoço, o lubuno velho do seu Nequinho Curador. Parei para verificar o que estava acontecendo. Em seguida enxerguei seu Nequinho. logo acima do Passo. Estava saindo de trás das touceiras espinhentas de branquilha que margeavam a restinga. Aproximou-se. Trazia, pendurado na mão, segura pelo meio, uma mala de pano encardido. Verifiquei, depois, que estava topoetada de raízes, cipós, cascas e folhas de plantas medicinais, tudo bem acondicionado em manojos amarrados com fiapos de fibra tirados da casca de imbirá. Eu sabia que ele gostava muito que chamassem de Doutor. Cumprimentei lisonjeiro:

- Boa tarde, seu Nequinho!

Respondeu afável:

- Boa tarde, moço! Vai indo pra Vila? Sem me dar tempo de prosseguir, respondeu:

- Bueno, então bamos batendo estrivo, pra bem de encurtar o caminho!

Largou a mala de remédios, junto a uma moita de carqueja, arrancou um galho da planta e mostrou-me, explicando:

- Carqueja, da miudinha, é um santo remédio pra os estâmo, e pros figo é um porrete!

(Do livro inédito: Histórias de Galpão, com data de "Passo Fundo, 15 de maio de 1989").

Da Revista  
Água da Fonte n°5

Data : 01/01/1930

Título : PALMEIRA

Categoria: Poesia

Descrição: A saudade é o chimarrão Que hoje longe do pago

## PALMEIRA

A saudade é o chimarrão  
Que hoje longe do pago  
Vou sorvendo trago a trago,  
Pra aliviar o coração.  
Amargo que eu acho doce,  
Vício de guasca, distante  
Que não esquece um instante  
O seu amado torrão.

Tenho saudade de tudo  
Que lá tão distante deixei,  
Das coisas lindas que amei  
De tudo que o pago encerra,  
Do grito do quero-quero  
Anunciando o viajante  
E do gemido da fonte,  
Que sai da boca da serra.

Dos campos verdes, amenos  
Sombreados de capões  
Onde pássaros, canções  
Alegres vão modulando;  
E a galha o grito estridente  
Solta se passa o campeiro,  
Algum boizito “matreiro”  
Pelo rasto procurando.

Do canto da seriema  
Profundamente magoado  
Que um dia triste, nublado,  
Muitas vezes escutei,  
Do som dolente da gaita,  
Misto de mágoa e alegria,  
De prazer, vida e agonia  
Que bem definir, não sei.

Quanta coisa a gente lembra  
E o pensamento vagando,  
Imagens mil vai criando,  
Do sonho na imensidade;  
Num mundo irreal vivemos  
E a gente então por instantes,  
Vê coisas que estão distantes,  
Com olhos da saudade.

Pinheiros, taças erguidas  
De esmeralda, verdejantes  
Campinas, canhadas, fontes,  
Vejo sonhando, acordado,  
Ipês cobertos de flores,  
Umbus que resistem o “rudo”  
Sopro do Minuano, tudo  
Que vi e tenho amado.

Vejo gaúchos que passam  
Ao tranco de seus cavalos,  
Chamo-os quero abraça-los  
Mas a ilusão se desfaz.  
Me lembro então do meu pingo,

Do meu lombinho, do laço.  
Ah! meu cavalo picaço  
Que é feito de ti? Onde estás?

Meu nobre pingo altaneiro  
Se orgulhoso eu te montava  
Bem pertinho me julgava  
Daquele céu sempre azul.  
Ah Patrícios! Eu montado  
No meu cavalo picaço,  
Vos juro era um pedaço  
Do meu Rio Grande do Sul.

Dedicada:

Para meu velho amigo e conterrâneo Max Teixeira

Esta poesia, a primeira que escrevi, na revolução de 1930, em São Paulo,  
descreve a paisagem e a topografia de Palmeira.

Data : 01/01/1985

Título : TOADA DO TEMPO REIÚNO

Categoria: Poesia

Descrição: Venho do tempo reiúno meio perdido, teatino

## TOADA DO TEMPO REIÚNO

Venho do tempo reiúno  
meio perdido, teatino  
desde piá procurando  
o rumo do meu destino.

E assim, tranquendo no tempo,  
sem desalento nem queixa,  
eu trago em tudo que sou  
as marcas que o tempo deixa.

Do tempo dos sonhos lindos  
Do “mal-me-quer, bem-me-quer”,  
Um rancho muito pequeno,  
Amor, ternura, mulher.

Depois o tempo... Depois  
Sem afagar esperanças,  
O tempo das noites grandes  
Cheias de estrelas, lembranças.

O tempo é sanga que corre  
Para o rio da eternidade.  
Amor perdido no tempo,  
Mar de suspiros. Saudades.

Dedicado:

Para o inspirado Poeta de “Sublimes Inspirações”  
- Dr. Werneldo Hürbe.

Data : 01/01/1985

Título : SAUDADE

Categoria: Poesia

Descrição: Somente na noite quieta Meu pensamento se agita

### SAUDADE

A Nahum Chwartzmann e Luiz Chwartzmann, pela nossa amizade

Somente na noite quieta  
Meu pensamento se agita  
Uma tristeza infinita  
A todo meu ser invade.  
Nem sei qual a razão:  
Dissabores, desenganos,  
Decerto o peso dos anos;  
Talvez, apenas saudade.

É a saudade. Vem chegando  
Bem devagar, mansamente,  
Trazendo para o presente  
O que parou no passado:  
Ternas lembranças, sentidas  
Que na vida transitória  
Lá no fundo da memória  
A gente tinha guardado.

Saudade, sonhos desfeitos  
Em mil suspiros perdidos.  
É o eco dos gemidos  
Que o tempo multiplicou.  
É como estrela solita  
Brilhando no firmamento  
Manso e sentido lamento  
Que a solidão acordou.

Saudade, imagens passando

Ante os olhos da lembrança  
Saudade vaga esperança,  
De ainda sentir e ver.  
Saudade, gosto de beijo  
Que transformou-se em suspiro;  
Saudade, doce martírio  
De quem não pode esquecer.

Data : 01/01/1985

Título : SOLITO

Categoria: Poesia

Descrição: Ah! Formiga danada, então de novo Cortaste as folhas do meu pessegueiro,

SOLITO

Para o Poeta Helio Moro Mariante

Ah! Formiga danada, então de novo  
Cortaste as folhas do meu pessegueiro,  
Este que além de ser o meu pomar,  
Serve às galinhas de poleiro...  
Também danificaste o “cinamão”,  
A verde fronde, amiga hospitaleira,  
Sob a qual sesteando no verão,  
Eu devaneio e sonho a tarde inteira.  
Tem paciência formiga, vou comprar  
Um veneno que seja mesmo bom,  
Que judie e que mate, e vou te dar...  
Veneno bom?... no humano conceito  
Arma boa é a que mata... É por isso  
Que a humanidade vive desse jeito.  
Sabes de uma coisa formiguinha?  
Não judio mais nem te mato,  
Porque afinal nem sei quem é de fato  
Mais dono deste sítio e deste chão.  
Assim podes cortar o pessegueiro,  
Leva o capim do rancho, se quiser;  
De que vale a gente ter inteiro  
Um rancho feio que não tem mulher?  
Mas por favor não corte o “cinamão”!  
A verde fronde, amiga hospitaleira,  
Sob a qual seteando no verão,  
Eu devaneio e sonho a tarde inteira.  
E eu começo a rir quando percebo  
Que me distraio a conversar sozinho.  
Depois fico apreensivo, contrafeito,

Pensando: por trás do parapeito,  
Pode estar escondido algum vizinho,  
Que ao me ver falando desse jeito,  
Para zombar de mim, aos outros diga  
Até que sou maluco e perigoso,  
Porque me viu falando com uma formiga.  
Espio por ali – só vejo o gado  
Manso pastando, nada mais, ninguém  
Me encosto ao parapeito sossegado  
Olhando longe a volta do caminho,  
Como a esperar alguém...  
Alguém que foi um dia para longe  
E agora não vem...  
A mim mesmo pergunto: não seria  
Melhor que a gente fosse igual ao gado,  
E andasse ali pastando, sossegado,  
Sem pensar em coisa-à-toa?  
E a noite deitasse a beira da lagoa,  
Remoendo capim,  
Sem querer saber da gente mesmo:  
Será que sou bom ou sou ruim?!  
Nem nunca sentir dentro do peito  
Um coração sensível, resignando  
Com um espírito tão cheio de defeitos.  
Sinto cheiro de chão,  
É a chuva que vem perto.  
Entro e sento ali mesmo no pilão  
E fico olhando mo fogo e vou pensando  
Na lenha que foi árvore frondosa  
E agora vai se transformando  
Em cinza e que de certo  
A fumaça que sobe é a alma do tição...  
O meu guaieca dorme ao pé do fogo.  
Gostaria bem que ele acordasse,  
Pois se tivesse alguém com quem falasse,  
Me entretinha melhor.  
Não adianta esforço de calar!  
Vivemos num círculo vicioso  
E a gente nunca para de pensar.  
É a formiga, a saudade, é a panela.  
Até o guaieca vive insatisfeito.  
Agora mesmo rosna e choraminga sonhando...  
Sonha com gente ruim, com caça, ou com cadela.  
Ouço a chuva caindo dobre o rancho,  
O barulho leve no capim.  
Uma chuvinha mansa sem trovoada,  
A gente gosta de uma chuva assim...  
A goteira em cima de minha cama  
Continua, não pára de pingar;  
Que coisa que dá sono uma goteira...

Gota a gota, pingando...de mansinho.  
E eu não tapo a goteira...  
Também por que tapar?  
A cama é para dois... Eu durmo sozinho.

Data : 01/01/1985

Título : SOLUÇÃO AMIGÁVEL

Categoria: Poesia

Descrição: - Ó Quintino, te levanta, Prá ir “percurá” a fiínha,

### SOLUÇÃO AMIGÁVEL

Para Serafim Magalhães

- Ó Quintino, te levanta,  
Prá ir “percurá” a fiínha,  
que ficou lavando a louça,  
quando nós viemo sesteá  
e se sumiu da cozinha!...  
passei por uma madorna  
e quando me despertei,  
vi que não tava escutando  
aquele baruido enjoado  
de rapação de panela,  
nem a buia de pratos  
enxaguado na gamela.  
Cá comigo disse: Ué!  
Que tá fazendo a fiínha?...  
Daí deixei tu roncando,  
me levantei pé-por-pé  
e fui espiá na cozinha;  
Pois lá não tava ninguém!  
Bombiei por detrás da casa,  
atrás do forno também,  
a carreta na ramada,  
o soque de erva, o galpão,  
onde tinha que tá o peão  
virando a erva cancheada;  
também ninguém tava lá!  
Daí fiquei desconfiada!  
Garrei e vim te chamá...  
Conforme já te contei,  
a menina anda reinando,  
de namorisco com o peão.  
A gente tá aconselhando,  
mas ela não obedece  
e o negócio não tá bão!

- mas muié, tu não falou  
que nós temo capital,  
que ela nem sabe o que tem;  
campo, gado, mato, erval.  
E moça capitalista,  
não se casa com pelado;  
só casa com estancieiro  
ou com doutor, estudado...  
é bom que ela apague o pito  
e largue mão de bobage,  
pois não vê que esse bugrinho  
de dele só tem arage...  
Mas bem, campiou por perto;  
agora vou dar uma busca,  
no matinho do piquete.  
Mas se achá esses dois de fiasco,  
Com perdão da má palavra,  
eu cago os dois de porrete.  
- Calma, veio! Esfrie o juízo  
e não vá fazer loucura.  
Se a coisa tivé estragada,  
o jeito é achar compostura.  
Cabelo duro, arrepiado,  
Rosto miúdo, de bugiu;  
Com um porrete na mão,  
o seu Quintino saiu;  
num tranco de saracura  
quando cruza na coivara.  
Logo achou o par debaixo  
de uma touça de taquara.  
De porrete alevantado,  
Seu Quintino investiu,  
mas parou logo que viu  
um palmo de charqueadeira  
Já saindo da bainya.  
Ao verificar que o moço  
não era de brincadeira,  
e lhe ganhara a parada,  
pensou em livrar o pelego,  
sem perder na patacoada...  
como quem traz proteção  
falou pra moça com jeito:  
- tu tá ofendida, fiínha?  
- não pai! Nós estava “percurando”  
Algum ninho de galinha.  
Quintino, largando o pau,  
disse entonado, alisando  
os fios ralos do bigode:  
- Eu vi que era gabolice  
descabida desse bode!...

em casa explicou pra velha  
que esperava no terreiro,  
pensando só em coisa ruim,  
pitando ansiada um palheiro:  
- Tive pensando: o rapaz é de bom comportamento,  
Ativo, trabalhador.  
Gávão que é bom capataz!  
Diga aos dois que estou de acordo  
E dou meu consentimento...  
Segunda bamos na vila  
Pra tratar do casamento.

Data : 01/01/1985

Título : ÚLTIMA CHINA

Categoria: Poesia

Descrição: Reuniram-se em ti os encantos Das chinas todas que eu tive.

### ÚLTIMA CHINA

Reuniram-se em ti os encantos  
Das chinas todas que eu tive.  
Tua presença, revive  
O meu mundo de ilusões;  
E alguns caprichos tiranos,  
Dissabores, desenganos,  
Prazeres, desilusões.

Mas não quiseste escolher  
Entre o amor e a amizade.  
E a mim não basta bondade,  
Se me palpita o desejo.  
Não quero um gesto de pena  
E nem forçar o destino.  
Prefiro seguir, teatino;  
Tão bem solito me vejo.

Este mundo de ternura  
Fica no tempo parado.  
E eu vivendo a teu lado  
Como se longe vivesse;  
Constante na indiferença,  
Não quiseste meu afago,  
Perdeste tudo que trago,  
Como se nada perdesse.

Serás não sei até quando  
A china do meu desejo,  
Apenas senti teu beijo  
Sem provar o teu amor.  
Mas viverás no meu verso  
Até que a sorte ferina  
Com golpe me corte a sina  
De gaudério pajador.

Data : 01/01/1985

Título : VELHA ESTÓRIA

Categoria: Poesia

Descrição: Meu pai estava assim, à porta do galpão, entre uns chupões de amargo

## VELHA ESTÓRIA

Meu pai estava assim, à porta do galpão,  
entre uns chupões de amargo  
Escondendo a emoção.  
Bem meiroso, assim foi me falando:  
“- quando eu tinha a sua idade,  
Já estava tropeando...  
Agora é você quem vai sair...  
Nós vamos ter saudades, já se vê!  
Escreva seguido ou mande um recado;  
sua mãe fica rezando por você.  
É meu dever lhe dar alguns conselhos  
para você, é preciso...  
quem para a estrada do mundo vai tambeiro,  
faz das coisas da vida, errôneo Juízo;  
quero que seja bom e leal amigo,  
mas traga á rédea curta o coração.  
Um coração que muito pinoteia,  
Esfogueteia o tranco da razão...  
Cuidado com mulher: é que nem mango  
a china muito solta no fandango,  
um quase nada é fiel e o resto é mango”.  
Sua adaga me deu recomendando:  
“ – pra sua defesa, pode ser preciso,  
Mas não esqueça: um guasca, no perigo  
é que deve mostrar mais calma e juízo...”  
Eu encilhava o pingo e escutava,  
e quando estava pronto para viajar,  
com sua bênção, meu pai me deu uns cobres  
para levar em viagem, para gastar.

Minha mãe me deu um breve muito bom,  
contra tudo que viesse de mau jeito...  
Conservo ainda esta relíquia santa  
que trago sempre aqui sobre o meu peito.  
Pus o ponche à garupa, enfiei o pala...  
Montei, e então saí.  
Ao cruzar a porteira, revolvi  
para o rancho paterno, ainda um olhar:  
minha mãe rezava junto ao parapeito  
e fazia com a mão cruces no ar...  
quem poderá, patrícios, definir  
o que uma mãe em prece pensa e diz?  
na certa, me entregava a Jesus Cristo  
e pedia que os Santos me ajudassem  
e Nossa Senhora me inspirasse  
para eu ser sempre bom e voltar bem feliz.  
Eu quase não senti a angústia do momento,  
mil projetos me vinham à lembrança...  
fui seguindo altaneiro e de alma forte,  
porque eu ia estribado na esperança...  
fui tranqueando, tranqueando,... o sol nascia...  
minha sombra na estrada se estendia  
como se levasse pressa de viajar...  
Mas, à tarde, minha sombra como um ponche,  
Da luz do sol manchando a claridade  
Pela garupa foi escorregando...  
Talvez, meu pensamento adivinhando,  
Quisesse regressar,  
Misturada com a sombra da saudade.  
Mas eu saí para enfrentar o destino.  
E fui seguindo assim meio teatino,  
M ala nos tentos, cruzando alheios pagos...  
Nos bochinchos marcando a chimarrita,  
Apeando nos bolichos à beira estrada,  
Para prosear no mais, tomando uns tragos...  
Com o tempo rolei, fui peão de estância,  
Depois fui carreteiro...  
Mas, cansado de andar sempre ao tranquilo,  
Deixei da lida para ser tropeiro.  
Foi assim que o Rio Grande conheci...  
Tropeando, fui da Serra ao Litoral  
E das nascentes do Uruguai ao Chuí.  
Nem sempre segui os conselhos paternos,  
Mas, regressei um dia...  
Bem feliz, porque os Santos me ajudaram  
Só porque minha mãe sempre pedia.  
Os velhos já se foram para a grande tropeada...  
Do rancho não resta quase nada,  
Do fogo do galpão só ficaram sinais...  
Uns carvões extraviados, uma lembrança morta,

um punhado de cinzas, nada mais...  
O tempo passou, mas a Querência ainda guarda  
aquela feição antiga...  
Ainda chora uma gaita no fandango,  
acompanhando o guasca na cantiga...  
E o quero-quero, sentinela xucra,  
atrevido esvoaça,  
sempre guardando o pago com seu grito,  
arreliando se um estranho passa...  
o umbu, à beira do caminho,  
que a mão de Deus plantou junto a uma aguada  
é ainda, como dantes, o abrigo reiúno  
de quem teatino, anda cortando estrada...  
e o sabiá, cantando na restinga,  
no lusco-fusco do amanhecer,  
vem acordar uma saudade quieta  
de alguém que está distante... um bem-querer...  
Eu, agora, patrícios, não tropeio,  
e vivo arrinconado na cidade...  
Às vezes, chimarreando puxo uns “causos”  
Do tempo bom da minha mocidade,  
como quem tira tentos da lembrança,  
para trançar um laço de saudade.  
E relembro uma peleia bruta  
Ou duma “china” linda, o quente afago...  
Vou seguindo, estribado na esperança,  
cultuando as velhas tradições do pago.

Dedicado:  
Em memória de meu pai  
Vicente Martins de Moura

Data : 01/01/1985  
Título : VIDA DE UM TAURA  
Categoria: Poesia  
Descrição: Fico em silêncio na sala... A cadeira está vazia.

VIDA DE UM TAURA  
Homenagem à memória do Jornalista Túlio Fontoura.

Fico em silêncio na sala...  
A cadeira está vazia.  
Não sinto a franca alegria  
Do cacique lutador.  
Nem visitas de importância,

Com gente humilde do povo,  
Ali buscando retovo,  
Num gesto protetor.

Revejo cenas guardadas  
No arquivo da memória.  
Cada qual conta sua história,  
Justificando o pedido:  
Vaga para o filho na escola,  
Transferência inesperada,  
A promoção retardada,  
Na escola foi preterido.

A viúva que vem pedir  
A transferência do filho,  
Se não houver empecilho...  
E mais uma carta vai...  
Quer ter seu menino perto,  
Um brigadiano garboso,  
Do uniforme orgulhoso:  
O mesmo que usava o pai...

Um simples telefonema  
Recomendando fulano.  
Bolsa de estudo prá um ano,  
Num chasque para um deputado.  
A carta para um amigo,  
Que faz parte do governo,  
A internação de um enfermo,  
De instituição carenciado.

Foi assim Túlio Fontoura,  
Hora a hora, dia a dia...  
Nas pausas ele escrevia  
O seu artigo de fundo:  
A liberdade, o direito,  
Justiça fraternidade,  
O progresso da cidade,  
Concórdia e paz para o mundo...

Agora na Estância Grande,  
Feliz, mas não descançado  
Pois sempre há um desgarrado,  
Penando pelos umbrais...  
("uns foram grandes na terra,  
Mas esqueceram a bondade,  
O amor, a caridade;"  
Por isso lá não são mais).

Estimado por São Pedro,

Nossa Senhora e Jesus,  
Vive a arranjar guia e luz  
Para os perdidos no além,  
Pois há céu em qualquer parte,  
Para quem tem Deus na consciência,  
Paz de espírito e permanência  
Abnegada com o bem.

Assim, no tranco do tempo,  
Sempre atento e solidário,  
Vai seguindo o itinerário  
Radioso, da redenção  
A existência continua,  
A vida é rio que não para,  
Fertiliza a seara  
Divina da evolução.

Data : 01/01/1985

Título : O Cusco

Categoria: Poesia

Descrição: Apareceu um dia no meu rancho um cusco teatino, magro e feio.

O cusco

Para Nicolau Araújo Freitas

Apareceu um dia no meu rancho  
um cusco teatino, magro e feio.  
Eu pensei: este cusco que veio,  
com jeito humilde de quem pede abrigo,  
irá compartilhar das minhas penas,  
será meu companheiro, meu amigo ...  
O cusco ficou e é cheio de latidos  
o sítio todo que era muito quieto.  
Eu acho até que o cusco, solidário comigo,  
quer enxotar pra longe o meu pesar secreto.  
Às vezes mais atento aos seus latidos,  
não espero, mas gosto de pensar  
que alguém que vive no meu pensamento  
também sente saudade e vai chegar.  
Mas, se à noite, fugindo do relento,  
no borralho se aquieta, o cusco dorme,  
meu coração se agita no silêncio,  
e invade o rancho uma tristeza enorme.

Data : 01/01/1985

Título : CHIMARRÃO

Categoria: Poesia

Descrição: Erva para o chimarrão Como gaúcho requer:

## CHIMARRÃO

Erva para o chimarrão

Como gaúcho requer:

“vassunce”, quando escolher,

Não compare com mulher;

Erva quanto mais bonita,

Mais mansa, gostosa e boa

Quanto mais feia mais ruim;

Porque foi mal sapecada

Descuidada no carijó,

Mal cancheada, mal socada;

Caúna mofada, á toa ...

A mulher pode ser feia

E até ser muito boa.

Data : 01/01/1985

Título : MÃE JOANA

Categoria: Poesia

Descrição: O ar está carregado. A gente suando “de valde”

## MÃE JOANA

Em homenagem a as todas as benzedeadas do meu pago

O ar está carregado.

A gente suando “de valde”

Reparando o tempo feio.

Lá pra diante do horizonte

Estampadas pelo vento,

As nuvens se misturam

Escramuçando assustadas

No campo aberto do céu.

Vai se formando uma barra

Azul-escuro e cinzento

Que se alarga e vem subindo

Como uma maré revolta,

Ameaçando a calmaria.

Daí um relâmpago estoura:  
Santa bárbara! caiu!  
Foi longe, graças a Deus!  
Onde teria caído?  
Minha velha chame as crianças,  
Veja, o tempo escureceu  
Está se armando um temporal.  
Maria Cândida, minha filha,  
A Isabel está no berço?  
Traga a Ângela Maria,  
Que tem medo de trovão.  
Ande, Piá! Recolha a lenha,  
Feche a porta do galpão...  
Guarde, esconda esse machado!  
Não vê que está fuzilando?!...  
E o aço chama “mandado”.  
Mas e a comadre Mãe Joana,  
Onde é que ela se meteu  
Que não vem “benze” a tormenta?  
A! tá bem; já está benzendo  
Ali do canto da casa.  
E eu fico vendo a Mãe Joana  
Confiante, rosto sereno,  
Em frente ao temporal,  
Resmungando umas palavras  
Fazendo cruces no ar.  
Negra velha sem idade,  
Como parteira, - entendida,  
As suas mãos já trouxeram  
Mil crianças do “banhado”.  
Depois, benzeram de bichas,  
De mau – olhado e “quebrante”  
De “terícia” e de tersol,  
De míngua e dor de barriga  
De sapinho e de “grosso”...  
Também benzendo três vezes,  
Com responso a São Bertoldo,  
Costuraram rendiduras:  
“- em nome de “São Vertoso”  
Arrepita: o que é que eu coso?  
- “cose carne esgaçada,  
Benze de osso quebrado,  
Destorce nervo torcido”.  
Madrinha de todo mundo,  
Das prendas desta querência,  
Da moçada do rincão,  
Todos pedem sua “Bença”,  
Pois nasceram em suas mãos...  
Mas, e a tormenta? Sumiu!  
Ouvi Mãe Joana rezar:

- que se espalhe, que se vá  
Pros ermo do mar salgado,  
Que não ofenda ninguém!...  
E a tormenta se espalhou.  
Quando ela estava rezendo,  
Tenho certeza que vi,  
O seu rosto ficou claro,  
Acho que tinha uma luz.  
Quando mãe Joana rezou  
O tempo ruim se acalmou.  
Mas quem lhe deu essa força?  
Quem lhe emprestou aquela luz?  
Seria Deus, nosso Pai?  
Maria, Nossa Senhora?  
Talvez, quem sabe...Jesus!

Data : 01/01/1985

Título : QUERÊNCIA

Categoria: Poesia

Descrição: Querência é o céu, o Cruzeiroo, A coxilha e canhada,

## QUERÊNCIA

Para o Poeta e amigo Gildeci Macedo

Querência é o céu, o Cruzeiroo,  
A coxilha e canhada,  
A várzea verde orvalhada  
Nas manhas cheias de luz.  
Plantados junto aos caminhos,  
Velhos abrigos campeiros,  
Sesteada de tropeiros  
Largos, frondosos umbus.

A água fresca da cacimba  
O cinamomo, a ramada,  
O bolicho á beira da estrada,  
O banco e a prosa comprida,  
A caninha de Nonoai,  
Erva boa da Palmeira,  
Café quente de chaleira  
Depois da bóia servida.

O sabiá na restinga  
Cantando de manhã cedo,  
A remexer no segredo

De uma lembrança escondida.  
A “cordeona”, o fandango,  
A china linda, um afago,  
A trova exaltando o pago  
Numa toada repetida.

O quero-quero atrevido,  
O barreiro diligente  
Floreando um canto, contente,  
Junto ao ranchito de chão.  
A campereada festiva,  
O guasca de mengo e espora  
Gineteando campo-fora  
No lombo de um redomão.

A gerada branqueando inverno  
O minuano, a garoa  
Dando “Templa” à raça boa  
Da gaúcha tradição,  
A fartura campesina,  
Os trigais louros cobrindo  
Léguas e léguas de chão.

A tropa gora o churrasco,  
O gado manso, a coalhada,  
O apoio com pessegada  
Na campeira sobremesa.  
A energia, o progresso,  
As represas transbordando  
A força da natureza.

É a Província de São Pedro  
Da madrugada da história,  
Que o guasca cobriu de glória  
Na mais guapa intransigência,  
Quando à pata de cavalo,  
À lança e à boleadeiras  
Andou marcando fronteiras  
Na formação da querência.

Data : 01/01/1985

Título : Feliz 1985

Categoria: Poesia

Descrição: Aqui de baixo mandei Para o alto uma oração,

Feliz 1985

Aqui de baixo mandei  
Para o alto uma oração,  
Pedindo a Deus ano bom  
Meio folgado e feliz.  
E que eu mais solidário,  
Sem meu tempo a perder,  
Ainda possa fazer  
O bem que aos outros não fiz.

Também não quero esquecer  
Que é melhor dar que pedir.  
Que eu possa ao menos sorrir,  
Se faltar a palavra amiga,  
Sem julgar nem ofender  
E sem rigor ao pensar,  
Mas não podendo evitar  
Que eu pense só, mas não diga.

Maria e Jesus: Roguei-vos  
Me guie em cada jornada,  
Colorindo a madrugada,  
No dia a dia da vida,  
Sem mágoas nem solidão  
Conjugando o verbo amar  
Nos seja dado encontrar  
Toda esperança perdida

Dedicado para:  
Devino Ughini

Data : 01/01/1985

Título : DE NOITE AO TRANQUITO

Categoria: Poesia

Descrição: A noite é cinzenta e morna Longe do meu pago, solito

#### DE NOITE AO TRANQUITO

A noite é cinzenta e morna  
Longe do meu pago, solito  
Meu pingo vence distâncias,  
Pra qualquer rumo: O infinito.

Só tenho, longe as estrelas  
A lua um pouco mais perto.  
Meu pingo pisando o Pampa,

Tranquenoado no campo aberto.  
Eu penso na noite quieta  
Vendo as estrelas lá em cima:  
São os versos que ficaram  
Presos na mente, sem rima

Dedicado:

Para Jocelia Maria Severo

Data : 01/01/1985

Título : A PELEIA

Categoria: Poesia

Descrição: Magricela, cabeludo, “de quina” junto ao balcão,

A PELEIA

Para Wilson Busato

Magricela, cabeludo,  
“de quina” junto ao balcão,  
mui cortês “tenteando trago”  
puxa seca Conceição.  
Pica fumo, lambe a palha  
que trazia atrás da orelha;  
alisa-a com a “cherenga”,  
depois apara e emparelha.  
Fecha o cigarro com jeito.  
De um bocó tira o avio.  
Ajeita a pedra ao isqueiro;  
bate o fuzil, bem macio.  
A chispa incendeia a isca,  
cheirando pano queimado.  
Acende o “baio”, tragueia  
e segue o causo começado.  
-O Migué que não é fio  
de “égua mansa”, arrepelio!  
Disse: tu é home arrepete  
e o Juca arrepetio!...  
- o fio desta e daquela...  
(Já envolveram as famia.)  
- É a fia da tua sogra!  
- É a vovó da tua fia!...  
(E trocando “liberdades”,  
cada qual com mais vantagem,  
se “varejaram” prá fora,  
que nem dois “gatos servage”...)  
- Foi a rinha de reapariga:

Só “tabefe” e nome feio!...  
Ninguém ferido na briga.  
Conceição então, percebe.  
Fôra um pouco exagerado.  
Tentando o “causo” compor,  
justifica encabulado:  
- Mas não-se, a briga foi feia;  
alevantou “porvadeira”!...  
Ninguém saio “lastimado”...  
Mas vuô paia “dai gibera”!

Data : 01/01/1985

Título : A SANTINHA

Categoria: Poesia

Descrição: Visita: cinqüenta”mangos”, Uma indulgência pequena.

## A SANTINHA

Visita: cinqüenta”mangos”,  
Uma indulgência pequena.  
Pouso: cem. Uma indulgência.  
Três pernoites: “Grátia plena”.  
A Santinha era levada  
Em visita ao vizindário  
Angariando donativos  
Para as obras do vigário.  
Dona Sunta, a “guardiã”,  
Dona Linda a fabriqueira,  
Agenciavam as graças  
Da Santinha milagreira.  
Dona Mery, fino trato  
E esmerada educação,  
Veio encontrar a Santinha,

Radiante, no portão.  
E as três senhoras ficaram  
Proseando, junto a um canteiro,  
Sob as vistas do seu Chico,  
Um chirú velho, campeiro...  
Siá Chica falou ao seu Chico  
Lhe entregando um chimarrão:  
-nossa, aquelas continuam  
De seca, lá no portão!?...  
- pois é. Principiaram cedo...  
Pelo só, são dez e meia:  
“tão ensinando a Santinha

A falá da vida alheia”.

Data : 01/01/1985

Título : AGRADecendo A FACA PRATEADA

Categoria: Poesia

Descrição: De tranquear em pedregulho Meu pingo vinha estropeado

### AGRADecendo A FACA PRATEADA

A todos os colegas abaixo mencionados.

Em memória dos que já foram para o outro lado da vida.

De tranquear em pedregulho  
Meu pingo vinha estropeado  
Eu também meio cansado  
Quando apeei neste arraial.  
Soltei no campo o cavalo  
Para que fosse arribando  
E por aqui fui ficando  
Porque gostei do pessoal.

Fui me chegando cortês  
E Dom Antonio Rosado  
Me tirou para afilhado  
E ao Gonorvan me levou.  
Então esse índio campeiro  
Que é mui teso e despachado  
Me vendo um pouco apertado  
Melhor me recomendou.

Levou-me ao Seu Natalício  
O do cofre barrigudo  
E disse: este cabeludo  
Precisa d'algum dinheiro...  
À crise disse: até a volta,  
Nunca mais você me pega  
E lá me fui pra bodega  
Me rindo até de faceiro.

Fui me encostando à peonada,  
Com jeito de sorro manso,  
Observando o balanço  
E os buracos no terreno  
- “não entre em seio de laço,  
Quem não se acautela cai”.  
Assim me ensinou meu pai  
Quando eu era ainda pequeno.

Uns me olhavam desconfiados  
Porque quem chega de novo  
Pode ter algum retovo  
Ou na consciência, remendo.  
Mas quem tem vista ligeira  
Conhece rengo sentado...  
Eu cruzava disfarçado  
Como quem não está vendo.

Agora sou estimado  
Como todos podem ver.  
A todos dei a entender  
Que deles sou muito amigo.  
Todos têm seus defeitinhos!...  
Mal deles, posso pensar...  
Sem a nenhum melindrar  
Porque penso, mas não digo.

A exemplo dos amigos  
Também tenho meus desvios;  
"já tenho cruzado rios  
A nado, como o Moacir  
Enfrentado cusco brabo,  
Feito espeto de amarelo  
Mas repetindo o estribilho  
Em casa: não sei mentir".

Epaminondas Xavier  
Que santinho de pau-oco!?...  
O diabo fica pitoco  
Perto dele e do Miguel.  
E o Bilhar, o pescador  
Que pesca às vezes na rua.  
E o Amaral o charrua  
Mais brabo que cascavel.

O Faccio, o Crossi, o Grespan,  
Me serviram macarrão,  
Passarinho e vinho bom  
Das cantinas de Marau.  
Como sou meio esganado  
E comer não acho feio  
Eles me olhavam de esgueio  
Os três com cara de mau!

Pelo Henrique Biazus  
Ponho minha mão no fogo  
Ou ele não mostra o jogo  
Com seu arzito simplório

É como o Osvaldo Marques,  
Que matam rindo um cristão  
E vão chorar no velório.

Enio Cirra, Samuel  
Zoé Franchini, Kampitz,  
Novos peões que dão palpites  
Lá pela casa maior,  
O chefe, Dr. Martini  
Na engenharia afamado,  
Jurandir advogado  
As leis conhece de cor.

Agora tiro o chapéu  
E comovido agradeço  
A atenção que não mereço!...  
Nem sei como me expressar...  
A DNA. Edila, a Maria,  
DNA. Rejane, a Nelcy,  
Hei de constante guardar.

Ao dizer muito obrigado  
Me concentrando um momento  
Do jardim do pensamento  
Mil flores tento colher  
Pra compor um ramalhete  
De rosas e sensitivas  
De saudades sempre-vivas  
Para lhes oferecer.

A todos: Muito obrigado  
Por esta faca de luxo,  
Orgulho para um gaúcho  
Pela amizade que encerra.  
Arrematando prometo  
Usá-la e não fazer fiasco:  
Na paz, cortando churrasco  
Ou num salseiro de guerra.

Data : 01/01/1985

Título :       CONSTÂNCIA

Categoria:   Poesia

Descrição:   Às vezes ainda me lembro Daquela china Constância.

CONSTÂNCIA

Para Otelo Ribeiro

Às vezes ainda me lembro  
Daquela china Constância.  
Por ela muita distância,  
Cortei no meu alazão.  
Enquanto o pingo troteava,  
Meu coração golpeava,  
Entropilhando esperança,  
No corredor da ilusão.

Porém, já não canto mais,  
Aquela china bonita.  
O seu vestido de chita,  
Nem a luz do seu olhar.  
A magia caborteira  
Do seu sorriso disposto,  
A covinha do seu rosto,  
Que eu gostava de beijar.

Ela foi cumprir a sina  
De andar trocando de dono  
Eu fiquei no abandono  
Sentindo a sua maldade:  
Mas quem nesta vida incerta,  
No tranquear largo dos anos,  
Não costeu desenganos,  
No potreiro da saudade?

Data : 01/01/1985

Título : ESTÓRIA DA CEREJINHA

Categoria: Poesia

Descrição: Eu estava de peão numa estância, Era um fim de semana,

#### ESTÓRIA DA CEREJINHA

Em memória de Carlos Nino Machado que recolheu esta estória (pras bandas de Soledade) – da qual aproveitei o miolo para compor estes versos.

Eu estava de peão numa estância,  
Era um fim de semana,  
Encilhei a minha ruana  
E fui dar uma volteada.  
Banquei lá numa canhada,  
Orelha torta, escutando,  
Oito baixo resmungando,  
Retrechando uma toada.

É baile! falei prá ruana  
Com o toque no ouvido.  
Sou aqui desconhecido,  
Mas posso “apreciá” um bocado  
E fui costeando um banhado,  
Vendo résteas do lampeão  
Pela porta do salão  
E nas frestas do telhado.

Fui apear longe da casa,  
Junto à cerca do potreiro.  
Atei a güecha primeiro,  
E como sou prevenido,  
Carregava escondido,  
Entre a carona e o pelego,  
Um porrete pra achego  
Dalgum guaipeca atrevido.

Um porrete de cereja  
Do tamanho de um canzil,  
O pesinho era sutil,  
Meio verde, sapecado.  
Como um dedo destroncado  
Era a grossura que tinha.  
E não fosse a cerejinha  
Eu era hoje: o finado.

Bem, fui pra festa; o porrete  
Enfiei por debaixo da escada  
E subi pra dá uma olhada  
No baile que estava “bão”.  
Mas na minha frente um indião,  
- Peletudo, o desgranido,  
Vi que estava “arresolvido”  
A me “atrapalhá” a visão.

Me enfiei mais de quina e disse:  
Me dê licença, parceiro!  
Respondeu: cheguei primeiro!  
(com semblante de perau.)  
E o índio cara de mau  
Ainda parou mais na frente.  
Eu já não estava contente,  
Firmei os pés no degrau.

E “dei-le” um empurrãozinho  
Que o maula “tastaviando”  
O salão atravessando,

Foi se pechar do outro lado.  
Com um chifre meio quebrado,  
Ficou planchado no chão:  
Reboliço no salão  
E eu bem quieto, disfarçado.

De repente olhei “ansim”  
Vi uma taipa de bigode.  
“carcula” quem é que pode,  
O que sucedeu comigo?!  
Inté parece castigo!  
Eu olhando, delicado,  
Quando vi estava cercado  
Na capela do inimigo.

“Manguiei” escada-a-baixo  
Já de baixo dos “facão”;  
Mas foi Deus que pôs na mão  
Em tempo minha cerejinha.  
De tanto facão que vinha  
Num compasso “assolerado”  
Eu só não fiquei picado  
Pela destreza que tinha

Pois tinha uns “vinte facão”  
Trabalhando de “afetivo”!  
E eu sem saber o motivo,  
Daquela barbaridade!  
Não gavo minha qualidade;  
E sei que não sou perfeito.  
Mas sei conter meus defeito.  
Quando me acho em “suciidade”.

Eu quis responsar São Jorge,  
Mas me esqueci da oração.  
Mais sem jeito que um pagão  
Quando tem que escutar missa,  
Me destorcia na liça;  
Pra ganhar ou pra perder:  
Como quem cumpre um dever,  
Fui”distribuindo justiça”!

Volta e meia eu colocava  
Numa orelha a cerejinha!  
Aquele nunca mais vinha,  
Porque faltava na briga!  
Raleava a força inimiga,  
Uns par-de-facão sobrava,  
Minha destreza mermava,  
Sovada pela fadiga.

Vagava um vinha outro:  
Mas já sem muita brabeza.  
Nisto olhei pra minha cereja.  
Tava um toquinho ansim!...  
Garrei um facão pra mim,  
Corrí o último crinado;  
Até na gaita dei fim.

Antes de me retirar  
Inda cruzei na cozinha  
Pra apreciar a ladainha  
Da mulherada assustada.  
Era uma papagaiada  
A maioria rezando:  
Tinha umas me destratando  
Passei com ar de risada.

Montei na ruana e me fui  
Assobiando, folheiro.  
Em cavaco no terreiro,  
Deixei minha cereja amiga;  
Com um lanho na barriga,  
No braço canhoto, um talho,  
“Fui atendê meu trabalho”  
Que inté nem sou de briga.

Data : 01/01/1985

Título : ESTÓRIA DA VACA OSCA - BRAGADA

Categoria: Poesia

Descrição: Seu Santo, você não sabe se a vaca osca-bragada

ESTÓRIA DA VACA OSCA - BRAGADA  
(em memória de Setembrino R. da Silva)

Seu Santo, você não sabe  
se a vaca osca-bragada  
da Sia Neca apareceu  
ou se já foi encontrada?  
Tanta gente andou campeando,  
uns par de dias; e nada!...  
Já vasculharam a restinga,  
barroca, foges, banhado;  
nem vestígio apareceu!  
O povo está desconfiado!  
Ninguém fala sem ter provas;

receio de ser chamado.  
Essa vaca... Eu “carculo”;  
desconfio que essa vaca...  
Não se enfiou em oco de pau,  
nem em solapão de paca...  
Pra mim, Seu Santo, essa vaca!...  
Essa vaca...Ó essa vaca!...  
Seu Santo! A crise tá braba!  
Muito caro o mantimento.  
E quando escasseia o sustento  
“inté” um cristão “destria”,  
inda mais esses fulanos  
que já têm “nódia” na família.  
Vacê está ao par deste assunto!  
Sabe de quem estou falando,  
conhece os que andam cruzando  
dia e noite pela estrada.  
O ofício é andar devalde...  
Não criam, não plantam nada,  
não têm safra do ano!  
Dizem que é grande, é pequeno,  
ali é de sepa aparada,  
quem fizer o rastro da estrada,  
já deu amostra do pano.  
Conforme vacê pensou;  
no mesmo, tive pensando  
“Vacê que é um homem ladino,  
vaqueano velho, atilado  
tem que estar bem informado  
dos pode ser dos talvez!...  
O caso é a vaca da “veia”.  
Se sumiu mais essa rês!...  
Me conte; que campereia  
de noite nos corredor?...  
De carneadeira na cinta  
e souvezito nos tentos  
apresilhado ao xinxador?...  
Não carece “percurar”  
um autor para essa estória,  
nem puxar pela memória.  
Só não destrincha esse caso  
quem tiver a idéia fraca!...  
Está visto que essa vaca...  
Essa vaca... Ói que esta vaca...  
Que diacho! Você não fala!  
Vacê não quer entender;  
corpeia, faz que não sabe.  
Sabe mas não quer dizer!  
Essa vaca sumiu.  
Todo mundo andou campeando.

Ninguém achou, ninguém viu.  
O coisa ruim não levou,  
água baixo não rodou,  
não houve enchente no rio...  
não se atolou no banhado  
e nem quebrou-se em barroca;  
não voou em bico de corvo  
e nem entrou pelo chão  
a dentro que nem minhoca!...  
Pois eu conto prá vacê.  
Não vou ficar arrodando  
como matungo na estaca!...  
Pra mim, Seu Santo; essa vaca!...  
Essa vaca, Ói que essa vaca!...  
Essa vaca osca-bragada...  
Tá visto, essa vaca, foi...  
Ela... foi... foi... "sutilada".

Data : 01/01/1985

Título : FELIZ 1980

Categoria: Poesia

Descrição: Que Deus nos proteja sempre Nesta nova caminhada

FELIZ 1980

Retribuindo votos de Boas Festas do Poeta Chico Gaudério.

Que Deus nos proteja sempre  
Nesta nova caminhada  
Tranqüila em cada jornada,  
No ano novo, que vem.  
Vivendo como convém;  
Sem egoísmo, sem maldade;  
Abertos para a amizade:  
Unidos só para o bem.

Maria, Nossa Senhora,  
Com o Menino Jesus,  
Venham num raio de luz  
Iluminar a Querência;  
Para ser nossa vivência  
De feliz prosperidade  
Paz, amor, fraternidade:  
Por toda nossa existência.

Data : 01/01/1985

Título : LAGOA

Categoria: Poesia

Descrição: De noite as rãs começam a cantar e a lagoa adormece...

## LAGOA

Para a querida Trovadora Mineira, Eugenia Maria Rodrigues

De noite as rãs começam a cantar  
e a lagoa adormece...  
e enquanto aquela cantilena cresce  
e se espalha longe da canhada,  
ecoa um canto triste na restinga.  
É o grito estrangulado do urutau.  
Mas pode ser, também, de alma penada.  
Em noite escura o sítio se transforma,  
é cheio de mistérios e temores,  
sem a beleza esplêndida das cores,  
nem pássaros cantando.  
E o vulto das árvores parece  
duendes feios com braços acenando.  
Mas quando surge o sol iluminando  
O céu, o chão, as flores e os caminhos,  
no arvoredos cantam passarinhos,  
dourada pelo sol, a lagoa reluz.  
As gotas de sereno são diamantes fulgindo.  
Até o meu rancho pobre é caiado de luz.  
A lagoa desperta e se enfeita de pássaros.  
As garças, plumas brancas, vêm chegando,  
Trazidas pela brisa matinal.  
As saracuras cruzam mariscando,  
ariscas no juncal.  
Na lagoa tranqüila andam nadando  
marrequinhas de penas cintilantes,  
que até parecem feitas de cristal.  
Estirada no ar, num vôo lento,  
vem de longe um socó;  
parado dentro d'água sonolento,  
um João - grande, nem sei, quem sabe, sonha.  
Tem jeito triste de quem vive só.  
Eu e meu cusco caminhando á- toa  
Irmanados os dois vamos seguindo.  
O cusco vai na frente farejando,  
Eu vou sobre a lagoa refletindo.  
Para o cusco a lagoa é o seu mundo encantado,  
onde o rancho, o salgueiro, o capim e o gado,  
no espelho crespado da água, aparecem virados;  
mas eu acho a lagoa parecida com a alma da gente:

um pouco suja, às vezes de enchurrada;  
cheia de luz nos dias de sol quente.  
É as vezes tranqüila, quase sempre agitada  
Com o seu lá no fundo, mais profundo que o mar;  
Nuvens grossas cruzando em dias de trovoadas,  
Em noites silenciosas, estrelas a brilhar.

Data : 01/01/1985

Título : MÃE

Categoria: Poesia

Descrição: Eu era pequeno, perguntei: - minha mãe onde está?

MÃE

Em memória de minha mãe, Maria Cândida Santos Moura

Eu era pequeno, perguntei:

- minha mãe onde está?

Minha irmã respondeu:

- ela descansa lá, num cemitério de campanha.

Nossa mãe morreu quando você nasceu!

Não gostei de saber, embora visse

De minha irmã os olhos rasos d'água.

Eu não soube entender

A extensão de sua mágoa;

E ainda perguntei:

- como era nossa mãe?

- criatura como ela

Nunca mais encontrei...

Era alta, morena,

Tinha cabelos pretos bem compridos.

Os olhos meio verdes, a boca era pequena.

Dessas histórias que não tem nos livros,

À noite ela gostava de contar;

E foi ela também quem me ensinou

Todas as orações que sei rezar.

Passeava com meu pai,

às vezes nos vizinhos.

Ou iam fazer compras no povoado.

O nosso pai montava o pangaré,

Ela ia no bragado.

Nós, os pequenos, íamos contentes

No petiço pipeiro, engarupados...

Eu gostava de ver o desvelo estampado

No rosto moreno,

Quando levava ao colo, no celim,

O filho mais pequeno.

Quando soube essas coisas, eu falei  
Que não achava direito  
Nossa mãe ter morrido deste jeito,  
Sem me levar um pouco no bragado,  
Quando eu ainda era pequenino.  
E minha irmã falou:  
- ela não tem culpa, foi decerto o destino.  
E desde aquele dia  
Eu fiquei sendo uma criança quieta,  
E não gostava de ver coisas tristes,  
Nem de muita alegria.  
Achava que era fraco quem chorava,  
E desconfiava um pouco de quem ria.  
Não sei se por recalque ou por curiosidade,  
Eu peguei a mania  
De andar sempre observando  
Todas as mães que eu via.  
Não sei bem a razão, mas quero crer,  
Que entre aquelas mães eu procurava  
A minha própria mãe reconhecer...  
Vi, um dia, uma índia levando o filho às costas,  
Dentro de um cesto alceado na testa,  
E disse à minha irmã:  
- que mãe é esta?  
Que anda como güecha de cargueiro,  
Tranqueando na estrada?  
Achei estranho o jeito da mulher  
Levar o filho assim como quem leva  
Dentro do cesto uma moranga ou algum legume qualquer.  
Fiquei pensando e vi que gostaria  
De andar bastante assim como o bugrinho.  
Ao balanço do tranco da mãe índia,  
Acomodado dentro do cestinho...  
Ir pelo campo, cruzar longe a serra,  
Querendo pegar flores nos caminhos,  
Descansar á sombra, nas picadas;  
Ouvir e ver de perto os passarinhos.  
Do corredor ao longo das estradas  
Para lá do alambrado, olhando atento,  
Ver o rebanho de macegas claras,  
Andar parado galopando ao vento.  
Vi a negra Josefa recortando  
Uma bombacha velha do pai João  
E fazer dela uma calcita nova  
Para o negrinho bastião.  
E ao ver tanto carinho colocado  
Em cada ponto da costura á mão,  
Achei tão boa a calça, que daria  
Minha roupa comprada  
Para ser dono de uma calça assim

Tão bem feita de roupa desbotada...  
Depois, na vila, aquela mãe bonita,  
A senhora ricaça do sobrado,  
Ela deixava o filho a meu cuidado  
E até falou que eu parecia um moço.  
Cuidava do amigo e brincava direito.  
E o piá queria ter meu gado de osso  
Da estância que eu tinha atrás do parapeito.  
Entre todas as mães que eu conheci.  
Foi com certeza aquela a mais querida:  
Nos trazia merendas bem gostosas;  
Era alegre, amável, colorida,  
Agradável á vista.  
Igual a moça da estampa em cores  
Que eu vi no figurino da modista.  
Mas um dia fiquei decepcionado,  
Porque escutei conversa da vizinha:  
(Guardei este detalhe na lembrança)  
Disse que aquela mãe criara o filho guacho  
Pra não derrubar a cinza do cigarro  
Nos olhos da criança.  
E falou outras coisas muito mal,  
Que ela não tinha devoção,  
Porque levava i filho ao carnaval,  
Antes mesmo de o levar a igreja,  
Para fazer a Primeira Comunhão.  
Achei errado, mas depois refleti:  
Conheço de perto e muito bem  
Esta senhora, mãe do meu amigo.  
É amorosa para o filho, bondosa até comigo;  
Com certeza só faz o que convém.  
Sós nem sempre entendemos gente fina  
Os sestros que têm, o modo de pensar.  
De mais a mais, quem tem de tudo pode  
Justar ama para o filho e nem precisa rezar.  
Continuei a estimar a mãe bonita,  
Gostei das outras mães que conheci,  
Mas sempre preferi ter para mim  
A minha mãe gaúcha que perdi...  
Teria me levado ao colo no celim  
A passear no bragado  
Dessas estórias que não tem nos livros  
Eu sei que ela teria me contado;  
Me ensinado a rezar quando criança.  
E o instinto me diz  
Que só a nossa mãe sabe ensinar  
As orações pra gente ser feliz.

Data : 01/01/1985

Título : O FACÃO DO PRIMITIVO

Categoria: Poesia

Descrição: Mandei o piá repontar Os bois costeando a restinga.

### O FACÃO DO PRIMITIVO

Para os Folcloristas: Dr. Edson Otto,

Antonio Augusto Fagundes e Manoel Pedro Mello

Mandei o piá repontar  
Os bois costeando a restinga.  
Virava do meio dia,  
era o forte do verão,  
o calor tava demais.  
Prá livrar constipação,  
dei de mão no meu corote  
de cerne de salsafrás  
e pelo furo gorpiei  
uns quatro gorges de pinga.  
Fiz fogo, busquei água,  
pus, a esquentar a chaleira  
pra mor-de aprontar um mate  
duma érvita da Palmeira.  
Trouxe a “caixa do municio”,  
na bóia, providenciando.  
A trempe em riba do fogo  
e sobre a trempe a panela  
com “toicinho” fritando.  
Enxagüei na gamela  
o arroz, fritei primeiro,  
e o charque de costilhar,  
com uma fervura, picado,  
ajuntei pra completar  
a bóia tradicional  
dos que tem de carregar  
o ofício de carreteiro...  
O piá voltou do reponte;  
eu tomava chimarrão.  
Perguntei por um demais:  
Os bois beberam bem, água?  
Ficaram juntos no pasto?...  
Bem...desencilhe o lobuno  
e solte com a soga de arrastro.  
Tá aprontando o carreteiro;  
E só enxagoar o arroz...  
Traga um balde de água fresca  
e bamos comer depois.  
Nisto olhei rumo da estrada,

Já quase perto da sanga;  
vinha vindo o delegado,  
junto com ele, um capanga,  
por nome de Militão.  
Um pardo muito atrevido  
e metido a valentão  
os dois cruzando no passo  
deram água pros cavalo  
e logo estavam chegando.  
Saí com a cuia na mão  
e o rosto velho contente.  
Apeie seu delegado!  
Viajando aqui prestas bandas?  
Venha chegando prá frente.  
Mas oiga cavalo bão  
esse baio-cabos-negro!...  
Não vê que a bóia tá pronta  
e tá Bueno o chimarrão.  
Sente aqui neste caixote;  
eu já forrei com pelego...  
e fui Le servindo uns mate  
enquanto fumos proseando.  
O delegado falou  
por entre uns chupos de amargo,  
ansim como campereando  
um princípio de conversa.  
O barro feio do passo,  
quaje o baio se atolou  
o tempo, a chuva, o mormaço  
e depois mais resolvido,  
devereda entrou no assunto:  
Mas então seu Primitivo!  
Não atendeu meu chamado,  
a audi~encia tava marcada  
e você não compareceu?  
Diga qual foi o motivo?  
Daí veio o Militão...  
Tava ajeitando os cavalos:  
Eu disse, seu Delegado,  
Que ele não comparecia,  
è bem como sempre falo,  
este índio é retovado...  
Tai; facão na cintura!  
Este é o facão da baderna,  
no Baile da Mabília!...  
Veja bem: Rustindo a Perna,  
Quaje arrastando no chão.  
Prá quem véve no trabaio,  
um facão desse tamanho,  
inté que tem serventia...

Alto lá, se Militão!  
Por enquanto minha prosa,  
tá sendo com o Delegado!  
Não venha se intraduzindo  
adonde não foi chamado!...  
sei que tu não me aprecia  
e vi quando tu chegou,  
mal-e-mal cumprimentou,  
me olhando de atravessado...  
Prá mim, cara feia é fome  
e tu já tem essa cara  
de “Paraguai lastimado”.  
Mas óie aqui, Militão!  
Quem previne diz que é amigo.  
É bão tu ponha reparo  
e encadecá no que eu digo.  
Na fumaça do meu fogo;  
na cinza dos meu tição;  
ninguém me vara por riba!  
E com trapaça e mau jogo  
ninguém me ganha de mão;  
meu facão tá pago; eu uso!  
Encomendei no ferreiro,  
deste jeito é que eu queria.  
E vou provar prá o Delegado  
como ele tem serventia!...  
da canga dos bois da ponta  
aos recavem da carreta;  
a caixa, fueros, cruzeta  
e desde a tolda ao rodado,  
qualquer tareco que quebre  
ou fique danificado  
conserto ou faço outro novo  
e pronto dou colocado...  
Pode ser o cabeçalho,  
e eixo, canzil ou canga;  
que, às vezes num peludeio  
inté boi manso se zanga.  
Com a carreta quebrada,  
Eu com Deus e meu facão...  
pois nunca fiquei na estrada.  
Vou no mato, corto um pau.  
Serve o facão de machado.  
Pra medir serve de metro  
de régua, compasso e linha,  
Pra aparar serve de serra  
e depois pra “farquejar”  
me serve de machadinha.  
Serve de trado e formão,  
de garfo, de colher, de faca.

Cravado ao sol, de “relógio”  
e ao mesmo tempo de estaca.  
De cherenga; trabaio um couro  
na profissão de guasqueiro.  
Desde o tento para o “muxaxo”,  
o ajôjo, a broxa, o tamoero.  
Pra roçar serve de foice.  
Sovando um tento é sovela,  
no rancho serve de tranca  
se a porta não tem tramela.  
Serve enfim prá tanta coisa  
que por ser muitas nem cito.  
Depois que churrasqueio  
me serve inté de palito!...  
Nem carece le dizer  
que este facão macanudo  
apareiado prá tudo,  
tem mais outra serventia:  
é bão prá mante respeito!...  
Vou conta o que aconteceu,  
no baile da Mabilia.  
Corria o divertimento  
com respeito e harmonia,  
sem aqueles agarramento,  
tão em uso na cidade,  
por gente moderna e fina.  
Pois ali mesmo bailando  
dentro do salão bem cheio,  
os moço da “suciedade”  
prá não tá esfregando embigo,  
se seguravam de esgueio,  
bailando meio de quina.  
Já era de madrugada,  
quando um forzinho roncou.  
Veio bufando e parou  
bem na vera da ramada,  
meio assustando uns matungo  
e provocando alarido  
no meio da cachorrada.  
Os três moços da cidade,  
daquela estrovenga apearam  
e de vereda se enfiaram  
de carancho no salão.  
Não deram satisfação  
nem mesmo á dona da casa.  
Cada qual grudado a um par  
saio espalhando brasa,  
com a prenda mais chinchada  
do que queijito no chincho.  
E maxixando de gorpe,

como se baila em bochincho.  
Me conte seu Delegado  
o que é que vancê fazia  
no “posto” de mestre-sala,  
no baile da Mabilia?...  
Muito bem, subi num banco,  
prá o bem de fazê uma fala:  
Que pare a gaita um bocado!  
Moçada buena! Atenção!  
Resguardando os convidados  
e algum carancho também,  
prá seguir a diversão  
à moda que nos convêm,  
vou puxar uns regulamentos,  
deixados pelos antigos  
que é oportuno lembrar.  
Pois reza o comportamento  
que todos têm de manter  
quando se acham se divertindo  
num festejo familiar.  
Porque isto aqui não é bochincho  
de “arrebalde” de vila  
onde um maula gasta “uns pila”  
e depois pode abusar,  
garra, aperta e sova o par  
cochichando nos ouvido!...  
E quem não gostou que se arranque,  
Porque isto aqui é proibido!...  
A vergonha que passei; home,  
pois não pude terminar.  
Um dos cueras da cidade,  
com um coice, me virou um banco;  
caí de plancha no chão,  
que quase fiquei lonanco.  
Esta ripa de costela,  
com o tombo ficou ofendida  
e com a fala esprimida  
não pude nem destratar.  
Fiquei bem quieto no chão,  
desenreando as idéias,  
e escuitando a confusão.  
Os tipos se descuidaram,  
morrendo de dar risada...  
Eu pensei, de sorro manso,  
ainda ganho esta parada.  
Fui me erguendo devagar,  
meio guenzo, capengueando,  
e fui pra banda da saída,  
como quem vai retirar  
e garrei de trás da porta

meu facão tava de pé.  
Senti um repuxo no pulso  
E no meu Santo mais fé!...  
Num prisco investi naquele  
que tinha me dado o tombo.  
Com um planchaço aqui, lá nele,  
Mais outro no sobre-lombo  
o maludo se apagou  
e no mesmo sofragante  
o outro coera, apanhou!  
E foi tão forte o planchaço  
que o malandro recebeu;  
eu acho até que ele deu  
um viva à Nossa Senhora!  
Isto ou coisa parecida  
e se cambiou porta-fora.  
O terceiro foi entrar  
no reservado onde as moças  
fazem...seus particular!  
Ao fugir ficou trancado  
Numa janela pequena...  
Trouxe de arrasto prá sala,  
Puxado pela melena.  
Mas naquele não bati;  
estava choramingando  
e tinha feição de guri!  
Logo os três juntei lá fora  
pra um "inxemplo" melhor,  
antes que fosse "simbora".  
Sentenciei, desta maneira:  
Tu aí, piazote assustado!  
Monte nesta geringonça.  
É tu que vai choferiando.  
Os dois que estão galopeados,  
vocês dois vão empurrando,  
inté pra lá da porteira.  
Não quero cheirá a catinga  
e nem escuitá o bufido  
enjoado dessa porqueira.  
Conforme ordenei foi feito.  
Foi isto que sucedeu.  
É o que eu tinha pra dizer.  
Bueno! A prosa tá bem boa.  
Agora bamos comer.  
Bóia nós temos bastante;  
só tá faltando taiér...  
Bem pra mim e o Delegado  
que semos gente importante,  
tem prato só prá nós dois;  
mas prá tudo dá-se jeito,

ninguém fica prá depois.  
Tem a gamela pequena  
da gente enxaguá o arroz;  
tem a tampa da panela.  
O piá come na tampa  
e o Militão que é mais feio  
tem que comer na gamela.

Data : 01/01/1985

Título : OPORTUNISMO

Categoria: Poesia

Descrição: No ermo, uma casinha pequenina eu e tu dentro dela.

## OPORTUNISMO

Para minha esposa Maria de Lurdes Moura

No ermo, uma casinha pequenina  
eu e tu dentro dela.  
Um quartinho, uma cama para dois,  
trepadeiras e flores na janela.  
Duas cadeiras toscas na varanda,  
Junto à mesa singela.  
O fogo na cozinha e sobre a trempe  
a cangica fervendo na panela  
Para lá da cancela e do salgueiro,  
uma lagoa azul brilhando ao sol.  
À tarde vão as águas se tingindo  
nas cores cambiantes do arrebol.  
o sol se apaga, a noite vem chegando...  
tudo o manto da noite vai cobrindo...  
Teus olhos lindos temem desvendar  
o mistério da noite que evapora...  
Junto comigo há segurança e amor  
e a tenebrosa escuridão lá fora.  
Mas eu gosto que a noite seja escura  
e acho bom que tenhas medo assim:  
mais te aproximás quando a noite é feia;  
Tu precisas ficar perto de mim.

Do livro  
Querencia

Da revista  
Água da Fonte nº 0

Data : 01/01/1985

Título : Peão Velho

Categoria: Poesia

Descrição: Peão velho do Rio Grande Hoje aqui nessa Querência,

### Peão Velho

Peão velho do Rio Grande  
Hoje aqui nessa Querência,  
Na fidalga convivência  
Tradicional no galpão  
Evoco antigas lembranças  
Das quais sou marco e “testigo”,  
Exaltando a tradição.

Desde piazito na lida  
E na vivência campesina,  
Boleando o osso da sina,  
Alguns culos botei;  
Peguei sem reclamar  
Mas trago muito guardado  
O prazer acumulado  
Dumas sortes que “clavei”.

Andei em tropeadas lindas,  
Já repontei desenganos.  
No tranco largo dos anos,  
Fui aprendendo a viver.  
E sei que na vida consiste  
Neste constante esperar,  
Na ânsia de conquistar  
E no temor de perder.

Pajador, meio gaudério,  
Só tenho os filhos e a china,  
Mas carreguei sempre a sina  
De expressar-me no verso.  
E sendo duplo na essência,  
Vivo aqui em baixo e, lá em cima,  
Quando engasto numa rima  
Meu pago, meu universo.

Por isso patrício amigo  
Vim appear nesta estância,

Trazendo na alma constância  
Na expressão da amizade.  
Ainda cante esperança  
Quem vem cantando saudade.

Neste rincão tão florido  
Perfumando nessa querência,  
Onde as prendas são a essência  
De toda a arte divina,  
Que eu possa sempre cantar  
Em versos cheios de afago  
Toda a beleza do pago  
Na exaltação da minha china.

Dedicado:  
Para meu amigo Ulisses Camargo